

O imaginário das línguas

GLISSANT, Édouard. *Édouard Glissant entretiens avec Lise Gauvin (1991-2009) - L'imaginaire des langues*. Paris, Gallimard, 2010.

Maria Inês Coimbra Guedes *

“*L'imaginaire des langues*” reúne uma série de seis entrevistas com o escritor antilhano Edouard Glissant concedidas ao longo de dezoito anos à escritora, ensaísta e crítica literária quebequense Lise Gauvin. As entrevistas, assim reunidas em um mesmo livro, oferecem ao leitor dois pontos maiores de interesse: o primeiro, a possibilidade de acompanhar a evolução de seu pensamento desde 1991 até 2009 e, o segundo a oportunidade de conhecer novos pontos de vista para conceitos complexos concebidos ao longo de sua obra, de leitura difícil e, muitas vezes, enigmática. Noções como ‘crioulização’, ‘opacidade’ e ‘errância’, base da sua poética da ‘Relação’, hoje indispensáveis para a reflexão sobre linguagem, literatura, política ou arte, são explicadas e muitas vezes, exemplificadas.

Em seus encontros entre as Antilhas e Paris, Lise Gauvin convida o romancista, poeta e dramaturgo a retomar as grandes linhas do seu pensamento relacionadas à diversidade das línguas e culturas, ao pensamento arquipélago e rizomático (noções desenvolvidas por Gilles Deleuze e Félix Gattari), mas também a explicar conceitos como ‘transcultural’ e ‘Todo-mundo’. Adepto da escrita no modo difícil e contrário a soluções simplificadoras para a literatura, Glissant rompe os limites dos gêneros ao misturar História e imaginação, lugares e épocas como na peça de 2000, “*Le monde incréé*”: três peças escritas em épocas diferentes que o autor fictício declara “não representáveis”, gênero batizado de “*poésie*”, termo que confunde e chama a atenção para a mistura da origem. Essa ‘desestrutura’ ou interpenetração dos gêneros aparece também nos ensaios escritos em estilo de poesia, porque a função do gênero, que é escavar uma matéria poética, deve servir de instrumento de descoberta e não poderia se expressar em linguagem clara e racional.

Edouard Glissant pensa o mundo como um todo inextricável onde o imperativo de lutar com todas as forças para defender a diversidade das línguas passa pela vontade política de salvar as identidades ameaçadas ora pela colonização, ora pela mundialização, realidades históricas que se refletem, por sua vez, tanto na necessidade de um novo imaginário, quanto na morte iminente do romance. A utopia glissantiana – seu otimismo – se manifesta na poética da *Relação*: acumular sem nenhuma exceção todas as belezas, males e valores do mundo de hoje, com suas opacidades. A poética do mundo é a sua própria resistência e, por isso, a *Relação* é uma poética em devir, não um sistema, muito menos perfeito.

Em 2009, é publicado o ensaio *Philosophie de la Relation* e Glissant faz intervenção polêmica em colóquio na Sorbonne, anunciando o fim do gênero literário que conhecemos como “romance”. Foi na sexta e última entrevista que Lise Gauvin teve a ocasião de ouvi-lo sobre as relações entre as línguas e a ficção: a morte anunciada do romance se deve à banalização que o transformou em objeto de consumo uma vez que, aos poucos, e de maneira inconsciente e automática, o romance passa a ser a arte daqueles que, tendo conquistado o mundo, conquistam o próprio direito de escrever a história, ou seja, a narrativa integra o discurso dominante. Como as sociedades ocidentais não dominam mais o mundo, a era do romance acabou. Para Glissant, a poesia é o âmago da literatura e se o romance não dá conta da complexidade do real, por outro lado, todo romance importante é uma poética. Assim, Faulkner, que se declarava “um poeta fracassado”, é responsável pelo aparecimento

de um novo gênero de literatura que ultrapassa o romance para se aproximar da poética. A expressão fundamental da literatura é, portanto, a poesia, a arte que diz sem dizer, arte opaca por excelência. Pelos muitos excessos verbais e comerciais do romance, por sua absoluta transparência, a literatura se torna um objeto de superfície, quando é, tradicionalmente, um objeto de profundidade. A agonia do romance prenuncia a vitalidade do poema presente no canto, na evocação e mesmo no silêncio. O desejo de interpenetração dos gêneros literários responde à necessidade de investigação que não se contenta mais com a descrição do real, mas que é também investigação do imaginário, dos vestígios de um passado nunca revelado.

Na visão de mundo do ensaísta, a questão do “imaginário das línguas” – expressão que dá título à entrevista concedida em 1991 –, está presente na totalidade das relações humanas, permeando tanto o religioso quanto o político e cultural, o que explica que cada um de seus ensaios seja percorrido por um pensamento da língua. Atento aos pensamentos totalizantes e universalizantes e ao espírito de sistema que ameaçam a multiplicidade das culturas e a diversidade das línguas, Glissant acredita no multilinguismo. Indispensável para evitar o desaparecimento da diversidade, este não supõe uma igualdade real entre as línguas e, inspirado em um “imaginário das línguas”, não requer conhecimentos específicos dos locutores, mas supõe uma poética baseada na diferença ou na “infinita variante” da Relação.

Lise Gauvin pergunta sobre noções básicas de seu pensamento como a problemática das línguas relacionada à questão identitária. A resposta é que na França, há poucos escritores como Artaud, que sensível à problemática, escreveu desconstruindo a língua. Beckett sim teria atravessado verdadeiros *maquis* de línguas “pelos quais é preciso vagar e abrir seu próprio caminho”. É a oportunidade para o autor, nascido em 1928 na Martinica, falar de seu caminho literário, pois antes de construir uma linguagem própria, também precisou desbravar algumas línguas. Em primeiro lugar, a lembrança, ou *eco*, dos contos crioulos da infância e da juventude que carregavam, por sua vez, expressões insuspeitadas das antigas línguas africanas; em seguida, a aprendizagem da poesia francesa, principalmente Rimbaud e Mallarmé; e por fim pela obra de Faulkner. Quando Glissant fala da necessidade de escrever “na presença de todas as línguas do mundo” mesmo sem conhecê-las, fala, sem dúvida, de sua própria poética impregnada pela estrutura instável que caracteriza o romance do escritor americano.

Como o pensamento glissantiano associa língua, literatura, história e política, ele entrevê para o futuro das humanidades, nessa intrincada relação de forças, uma luta pela conquista dos imaginários. Cada vez mais, estamos expostos, através dos meios de comunicação, ao imaginário de culturas distantes mesmo sem conhecer as línguas que as expressam. Pois se no mundo-arquipélago não há mais territórios a conquistar e os conflitos não têm mais origem nas conquistas do desconhecido, estes surgem da relação entre comunidades e são gerados pela conquista dos imaginários artísticos e literários, onde se concentra todo o valor e interesse do mundo contemporâneo. No futuro, tampouco haverá hierarquia entre as línguas, elas serão dessacralizadas e se dissociarão das religiões assim como, por exemplo, o hebraico que será falado por não judeus pela sua sonoridade, pela necessidade de Relação.

Lise Gauvin nomeia as entrevistas de acordo com os temas fazendo, dessa maneira, o que ela chama uma *sequência de pausas* ou interrupções momentâneas e necessárias no percurso da imensa obra do pensador Edouard Glissant, falecido em fevereiro de 2011, em Paris. À já citada primeira entrevista *L'imaginaire des langues*, feita em 1991, segue *L'écrivain et le souffle du lieu*, de 1993. A terceira entrevista é *Faire le guet du monde*, concedida em 2000. *Repenser l'utopie* dá título à entrevista de 2005. *De la beauté comme connivence* é a quinta, de 2006. O sexto encontro, em 2009, deu origem a “*Passages de langues et territoires du roman*”.

Nota explicativa:

- * Doutoranda em Literatura Comparada da Pós-graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense, UFF. Com bolsa do CNPQ. Professora de francês no Colégio Pedro II, Departamento de Línguas Neolatinas, no Rio de Janeiro. Orientadora: Euridice Figueiredo, CNPq 1C

Recebido em: 31 de outubro de 2011

Aprovado em: 15 de novembro de 2011